182 — Conde de Bomfim — 182.

ANNO I — S. João d'El-Rei, 15 de Novembro de 1885 — N. 9

O DOMINGO

PARA A CIDADE
Anno .... 6$000
Semestre .... 3$000

Redactores — Jorge Rodrigues e José Braga

PARA FÓRA
Anno .... 6$000

Escriptorio da redacção — Praça das Mercês, n. 7

O Domingo

15 de Novembro de 1885

Aureliano Pimentel

(Conclusão)

Se essas duas theses apresentadas não fossem obras de sabido quilate e bastante valiosas para firmarem a reputação de um homem de lettras, muitos outros escriptos, traducções, estudos importantes de linguistica, monographias, etc., uns publicados em diversos jornaes, outros ineditos, — provariam eloquentemente aos mais exigentes o brilho do grande talento adiantado e forte do nosso honrado conterraneo.

O jornal *A Palavra*, esforçado campeão dos principios orthodoxos e que vê a luz da publicidade no Porto, em tempo consagrou um artigo conceituoso a respeito dos importantes escriptos de A. Pimentel, e Luiz Veuillot, um dos mais preconisados classicos da França moderna, inserio no *Univers* um bellissimo artigo escripto em puro francez pelo distincto professor.

Constantemente e por diversos modos aquelle espirito culto demonstra o seu adiantamento profundo, os triumphos repetidos de sua mentalidade possante, o ardor sublime de suas aspirações, que volvem sempre para o Alto, como as lanaredas do proverbio indiano.

O dr. Harles, professor da Universidade de Louvain, autor de muitas obras scientificas e redactor do *Museum*, conhecendo os meritos reaes de A. Pimentel, autorisou-o a traduzir o seu livro *A Biblia na India*, refutação ao celebre orientalista L. Jacolliot, e com elle sempre se correspondeu, externando-lhe as mais honrosas significações de elevada consideração.

—

Quanto a traducções o provecto professor apresenta serios trabalhos de incontestavel valor.

Traduzio com extrema correcção os hymnos sacros de Manzzoni e tem vertido para a lingua vernacula innumeros artigos valiosos do grego, do latim, do italiano e do francez.

Tem lançado ao dominio publico, além disso, muitos artigos originaes sobre questões historicas, geographicas e philosophicas, e ainda hoje encontram-se em alguns raros numeros do antigo periodico *Estrella Mineira*, apreciaveis escriptos seus sobre philologia e linguistica.

Submettidos á apreciação da Universidade Romana os seus trabalhos sobre philosophia e theologia, insertos em varios jornaes, os respectivos lentes julgaram o autor digno do titulo de doutor, que lhe offereceram. O illustre mineiro, com aquella extraordinaria modestia que o caracterisa e que é nobre attributo dos verdadeiros homens preclaros, recusou o honroso titulo.

No escrinio inestimavel das producções dessa intelligencia victoriosa e fecunda, encontram-se — ineditos — utilissimos estudos sobre as linguas romanicas, sobre classicos latinos, escriptores gregos, etc., cuja publicação, que seria de um proveito enorme para o nosso meio litterario, não ha sido feita pela rasão muito plausivel de que entre nós os trabalhos typographicos são muito caros, o resultado subsequente não compensa nem em parte, e mais — os homens de talento, estudiosos e honestos, no Brazil, nunca dispoem de amplos recursos pecuniarios... sem falar no egoismo de uns e na inveja de de outros, que não cessam de perseguil-os...

Esta é que é a verdade.

Pelo que vimos de relatar, o leitor criterioso, desprevenido e recto, hade concordar que é justo o desvanecimento dos filhos desta cidade, que vêem na primeira plana de seus conterraneos laureados, o nome que serve de epigraphe a este artigo, cujo fim, — como já foi declarado — não é outro senão o de prestar devida homenagem a uma das glorias litterarias de S. João d'El-Rei.

Desejavamos fazer um esboço biographico mais completo e mais digno daquelle a quem nos referi-

mos e, no entanto, não chegamos a escrever senão uma lembrança ás pennas mais habeis, que têm dever de incumbir-se de tão grata obrigação.

Aproveitamos, sómente, aqui, a escorço, uns apontamentos que nos foram proporcionados por varios amigos de A. Pimentel.

Delle mesmo nada se consegue, porque não transige com a sua modestia proverbial.

Quizemos testemunhar ao illustre mestre a nossa admiração e elle que releve os defeitos deste artigo despretencioso, attendendo a intenção que o ditou.

Se o autor destas linhas não conhece pessoalmente aquelle de que acaba de occupar-se, admira-o ha muito tempo, porque sempre venerou sincero os que sobem pelas imposições irresistiveis do merecimento alcançado pela elaboração constante do espirito.

Salientando as prendas intellectuaes de uma individualidade que tanto honra a terra de seu berço; apontando aos brazileiros o vulto radioso de um homem que por ser demasiadamente modesto, não mostrou ainda a seu paiz tanto quanto vale; procurando despertar em todos os animos a mesma veneração e o mesmo apreço que nos merece o nome que encima estas linhas, — prestamos obediencia ás divinas prescripções da Verdade e cumprimos um dever de patriotismo.

—

O Domingo, que não se curva aos Cresos ridiculos, que não sabe thuriferar a aristocracia enfatuada e inutil e que despresa a grandeza ephemera de egoistas magnates, — sente-se orgulhoso em vir saudar aquelle que se nobilitou pelo talento, que se distinguio pelo estudo, que se elevou pelo trabalho: — AURELIANO PEREIRA CORRÊA PIMENTEL.

O anonymo na imprensa

COMO uma sombra escura encobrindo a luminosa esphera da nossa imprensa adiantada, ainda apparecem os escriptos anonymos.

Pode-se publicar um artigo defendendo uma idéa, discutindo uma these, combatendo uma opinião, deixando de o assignar por qualquer motivo plausivel. Desde que o escriptor — antenha-se na verdadeira posição criteriosa e digna de quem escreve para o publico, não se levam a mal os seus excessos de honrosa e natural modestia.

O que nos revolta, o que nos desperta uma justa indignação é ver o abuso que os caracteres estragados fazem da liberdade da imprensa, aproveitando a mascara, para, envoltos no manto esfarrapado da cobardia, ferir a reputação dos seus desaffectos.

Que a discussão, as vezes, nos excite e, no ardor da luta, obrigue-nos a dizer verdades amargas, é, até certo ponto, admissivel, desde que não haja entre os adversarios calma bastante para exercer o direito de defeza sem os impulsos da colera.

Mas, faça-se isso conservando o respeito que se deve á moral e á sociedade, sem resvalar pelas escarpas negras do insulto ignobil, da objurgatoria brutal, da aleivosia perfida, que não attingem os homens que sabem prezar-se, e unicamente revoltam aquelles que odeiam a calumnia e detestam as invectivas dos infelizes discipulos das celebres lavandeiras do *Assemofr*.

Cumpre a quem escreve artigos em jornaes dispensar toda a consideração aos que por ventura os possam ler.

Se não for honesto ou cortez, tem obrigação de contrariar as tendencias de seus máos instinctos e dirigir-se aos leitores com dignidade e respeito.

Obrigação, sim, pois que ninguem assigna uma folha para apreciar as injurias com que se mimoseam dous contendores sem estimulo.

Lamentamos profundamente que existam periodicos (felizmente hoje não são muitos) promptos a receberem de qualquer individuo sem imputabilidade moral, nem intellectual, escriptos inqualificaveis, desenvolvidos num estylo que obriga os pais de familia a uma fiscalisação attenta, com o fim de evitarem á nova progenie a leitura perniciosa do que elaboram homens sem educação.

E' preciso que se acabe com o anonymo na imprensa, para se acabar com esses vampiros da noite medonha da Calumnia, com esses individuos que, a espaços, desvairados pela nostalgia do vicio, entregam-se á missão repudiavel de insultadores, mais lastimaveis que perigosos.

Não poderá engrandecer-se completamente a imprensa brazileira, senão quando banir com força essa nuvem negra dos anonymos, que vêm empecer a radiação de intelligencias gloriosas e prejudicar a obra que se vai iniciando da restauração litteraria deste paiz.

Haja uma imprensa livre, mas desappareçam os jornaes que acolhem esses abutres da reputação alheia amparados pelo incognito e pelos testas de ferro.

« A licença é tanto liberdade, como o fanatismo é religião. »

Está ahi um exemplo que deviamos imitar dos francezes: — escrever de viseira erguida.

O mysterio do anonymo é a prudencia aviltante dos pusillanimes.

JORGE RODRIGUES.

Cada um em seu logar

O ESPIRITO do homem adapta-se de tal modo ás condições do meio, em que tem vivido, que se torna difficil conseguir que em pouco tempo se habitue elle a novas relações, sendo isto quasi impossivel, quando os elementos, de que o afastam, nada têm de commum com aquelles a que o querem submetter.

Vivendo entre conhecidos, entre pessoas cujos habitos lhe são familiares, o homem sente-se á vontade, respira livremente; mas, desde que as circumstancias o ponham em face de estranhos, de outros individuos de esphera superior ou inferior á sua, uma força invencivel peia-lhe os movimentos, constrange-o e obriga-o a proceder de um modo

differente do que pretende, tirando-lhe assim o dominio sobre si mesmo. Individuos ha que se tornam celebres em uma *roda* pela promptidão e agudeza de respostas e pelo sangue frio, que os não abandona nos mais criticos momentos e que, entretanto, sendo levados a um meio differente do que lhes é habitual, perturbam-se, respondem disparatadamente á mais simples pergunta, deixando no animo das pessoas que os observam uma impressão em que raras vezes deixa de predominar o ridiculo.

Um facto para provar o que asseveramos:

Januario Lemos (*), estudante, era em Ouro Preto o terror dos *formigões*, que affluiam medrosos e desconfiados nos exames de preparatorios; tornara-se celebre pela extrema fealdade e pela inalteravel impassibilidade que sabia affectar nos mais renhidos torneios de espirito em que se empenhavam contra elle collegas tambem temiveis, porém inutilmente, porque um gesto, um olhar de Januario eram bastantes para desnorteal-os.

Das *republicas*, por onde passava, davam-lhe vaias, empregavam-se todos os meios que pudessem fazel-o perder por um momento o inalteravel sangue frio que o distinguia, porém era inutil!

Januario Lemos parecia dotado de um temperamento á prova de implacaveis *debiques*.

Um dia, porém, desmoralisou-se o rapaz!

Convidado a assistir á uma *soirée* em casa de um figurão da capital, acceitou jubiloso o convite e... portou-se de um modo deploravel!

Algumas moças, que o conheciam de nome, animaram-se a fital-o de perto e de tal maneira o crivaram de ironias, tão deshumanamente o trataram, que o pobre rapaz em poucos instantes já não sabia o que responder-lhes e arrependia-se do fundo do coração de ter abandonado a *republica*, onde tão tranquillas horas lhe garantia a fama adquirida. Aproveitando-se de um momento de ausencia de suas terriveis inimigas, pegou do primeiro chapéo que o acaso lhe poz ao alcance de mão e fugio vergonhosamente. Ao chegar á *republica*, a um collega, que lhe disse, batendo-lhe amigavelmente no hombro: — Pintaste o *sete*, hein? respondeu pezaroso, como que falando mais comsigo do que com o outro: — Foi um *fiasco* formidavel! Mas que quer?

Vive-se aqui de um modo tão differente do daquella gente e, *como lá diz o outro*, cada um em seu logar.

B.

(*) Não é imaginario este personagem; porém os leitores devem comprehender quaes os motivos que me obrigam a dar-lhe outro nome e a deixar de descrevel-o mais minuciosamente.

Reclamações

O ILLUSTRE director d'*A Semana*, Valentim Magalhães, em *memorandum* que nos dirigio a 9 do corrente, diz não ter recebido ha muito tempo *O Domingo*. Sorprehendeu-nos a reclamação, porquanto no mesmo dia em que se destribue a nossa folha, costumamos remettel-a para os collegas e assignantes de fóra, com toda a pontualidade, salvo força maior.

Não sabemos contra quem protestar, mas seja-nos ao menos licito pedir ao poder competente alguma providencia no intuito de melhorar o serviço postal, principalmente nas agencias dos trens da E. de F. d. Pedro 2.º, onde sabemos que, com pouca excepção, é irregularissimo.

O distincto e sempre amavel collega do *Provinciano*, no seu n.º do dia 12, escreve:

« Não recebemos desta vez *O Domingo*, a mimosa revista dos festejados escriptores Jorge Rodrigues e José Braga.

Isto com certeza é arte do correio!... Oh! *Maladetto*! »

E é; pode crer que é. Merece-nos muito *O Provinciano*, para que o esqueçamos.

De alguns assignantes do Rio Novo, S. Paulo e Victoria temos recebido varias reclamações.

E o que havemos de fazer?

Debalde tomamos todas as cautelas.

O Sr. Martinho Campos já não disse que isto era...

O correio bem sabe o que disse o sr. Martinho Campos.

Traição

(Sully — Prudhomme)

Quando tanto se amou, que accordar triste!
Em ninho ao fundo de espinhaes te crêste
Defeso e occulto. Sonho vão! Tremeste
Do somno perigoso que dormiste.

A mesma fronte a toda a fé assiste!
Nem crês no lucto que a dôr pura veste;
Negas aos teus o transe em que ora vês-te:
Desespero viril á dor resiste.

Saborêas o forte e novo insulto;
E o tumido soffrer no orgulho occulto
Consola-se em teu nobre coração.

Mas para, vivo, o teu rancor guardares,
Anda ao sol, foge aos pallidos luares,
Dos dias bons á perfida visão!

S.

Sonetos a premio

Ha quatro mezes, nossos collegas d'*A Semana* os quaes, seja dito por amor da verdade, são uns nababos de boas idéas, offereceram aos habitantes do nosso Parnaso um assumpto grandioso para ser cantado em soneto, promettendo magnificos premios aos poetas que alcançassem os logares da triplice classificação, que seria confiada a juizes de merecimento litterario incontestado e incontestavel. O assumpto dado foi este: — Victor Hugo.

Concorreram ao torneio 43 poetas, cujos sonetos, omittidas as respectivas assignaturas, foram enviados ao jury, composto da distincta poetisa d. Adelina Lopes Vieira, Machado de Assis, Lucio de Mendonça e Affonso Celso Junior, sendo classificados em primeiro logar o de M. V., (ou V. M.?) em segundo o do nosso brilhante collaborador Soares de Souza Junior e em terceiro o de Alberto de Oliveira.

Enviando nossos parabens aos laureados poetas, damos em seguida aos nossos leitores os dous primeiros sonetos premiados:

—

Victor Hugo

Vozes do mar, longas e tormentosas,
Das vagas e dos ventos ululantes,
Quero cantar comvosco dos gigantes
O gigante maior; — ás [illegible]

Cordas da lyra vinde; e vós, afflantes
Brisas, que em beijos desfolhaes as rosas;
Azas de borboletas amorosas,
Leves rumores; vozes suspirantes

De tarde, vinde! O verso heroico a sobra.
O carme brando, harmonioso e terso
De Hugo quero cantar na lyra pobre.

Vindes em vão. — Da sua Musa um verso
Um só verso dos seus abafa e cobre
Todas as harmonias do Universo!

M. V.

—

Victor Hugo

Traça *Les Châtiments*. No olhar meditabundo
E grande como o Eterno o genio relampêa;
Na fronte um odio santo o sobrecenho arquêa,
Odio que raios faz, — raios que ferem fundo!

Ouve-se lá por dentro o fervilhar profundo
Das estrophes-punhaes... E o mestre as delinêa,
E alinha-as uma a uma, o obedecendo á idéa
De vingar a justiça, a patria, e Deus, e o mundo!

Mas abre-se uma porta e surgem dois anginhos...
O Mestre os vê e os chama... e esquece entre os carinhos
O ardor da punição que o odio lhe inspirou!

São tres creanças, são!... Que risos bons e francos!
Mais que as outras sorri a dos cabellos brancos...
Lê-se naquelle riso a *Arte de ser avô*.

Soares de Sousa JUNIOR.

Christininha

Esbatiam-se na amplidão os ultimos raios do sol. As nuvens, de uma transparencia ideal, passavam do branco-opala ao verde-perola e ao azul-turquino, e deixavam espelhar-se nellas o recorte da paisagem e as linhas dos arvoredos.

Revoadas de passaritos cortavam o espaço, chilreando numa choral vivissima, e os altos das serranias envolviam-se de uma gaze tenue; pelas quebradas, os sinos das egrejas atiravam em ondulações metalicas o dobre das ave-marias e as ovelhas recolhiam-se num silencio religioso deixando partido, de quando em quando, como a nota dolente de alguma queixa ignorada, um balido gemedor e triste. Os trabalhadores abandonavam os campos emquanto aqui e além uma luzita começava a apparecer...

E emquanto a natureza, numa pacificação enorme parecia repousar, a esta mesma hora, num pobre quarto affastado, uma creança soltava os ultimos arrancos da sua existencia tão largamente attribulada. Matava-a a tysica.

Fôra bella, dessa belleza espiritualisada e casta onde ha como um vago reflexo ideal de qualquer sonhado mundo, feito de illusões douradas e de phantasticas miragens; tivera no olhar, de envolta com o brilho candido da sua juvenil idade, os tons dulcissimos de uma innocencia angelica; os cabellos quando lhe cahiam em ondas sobre o seu bustosinho gracioso e bello lembravam um vasto manto avelludado, feito de fios de diamante negros e a brancura jaspe da sua tez, levemente carminada, destacava triumphante na moldura em que elles a enquadravam.

Mas a doença viera impiedosa e implacavel, transformar aquelle oval encantador, num rosto escaveirado e magro, chupara-lhe o fulgor dos olhos, e a doçura setinea da pelle, de uma finura tão delicada e tão distincta, dera-lhe no cabello que era o seu orgulho e o seu enlevo, um aspecto exquesito e aspero, denudara-lhe emfim as feições, marcando-as com um sulco de morte.

Alguns mezes tinham bastado para isso e Christininha que havia sido o alvo dos mais calorosos madrigaes, e que deslumbrava todos pela sua formosura vencedora, jazia agora para alli num leito que ia sem duvida transformar-se em caixão.

Triste, triste.

De resto, Christininha sabia-o; o mal hereditario nos seus. O pai morrera assim. Um irmãosinho fôra dentro em pouco fazer-lhe companhia, e não estava sequer sarada a profunda ferida que, ia em dous annos, gotejava sangue no seu coração angustiado e no da mamã pela perda de uma irmã, de uma filha estremecida, joven tambem como ella e como ella formosa...

Procuraram adiar-lhe esse inexoravel desfecho — como haviam praticado com todos e levaram-na a viajar; estivera em todos sitios celebres para a cura dos tysicos: a Madeira, a Suissa, Cadix; mas fôra inutil, a doença avançava, avançava, e ella bem a sentia ir-lhe desatando uma á uma as fibras que a prendiam á vida...

Resignava-se porém a pobrezita e quando a mamã a fitava com o seu olhar de uma dor inexprimivel, mal podendo conter as lagrimas, quando outras vezes se abraçava a ella a chorar como uma creança e parecia querer cingil-a toda numa cadeia de beijos, ella — coitada — diligenciava sorrir-lhe e dizia-lhe com o seu ar mais doce e mais tranquillisante que não se apoquentasse, que não seria nada; quando viesse o verão, e os bellos dias cheios de alegria e de vida em que o sol é como uma gargalhada luminosa e immensa, em que as arvores se toucam com os seus bellos fatos de uma frescura irritante para saudarem a natureza em festa, em que, finalmente, a terra executa uma symphonia esplendida de alacridade e de cor, veria como havia de melhorar, como se sentiria mesmo bem, talvez!

E a pobre senhora ficava-se a olhar para ella com o ar extatico de uma santa, querendo crel-a e vendo que ella mentia; e na sua alma de martyr, na sua alma que ella via partida aos pedaços, por uma potencia estranha que os atirava depois brutalmente e sem piedade para o jazigo, passava-se então uma lucta que nenhuma linguagem descreveria, e um desalento algido invadia-a lentamente, matando-lhe todas as energias de que precisava para luctar. Por isso nada esperava já, e não cria quasi...

Pois seria possivel que houvesse lá em cima uma Providencia tão cruel e tão dura que assim lhe estivesse golpeando a existencia, e se gloriasse em matar a fogo lento uma pobre creatura humana que nenhum mal lhe fizera? E a duvida as vezes alastrava ameaçadora na sua pobre cabeça doente e louca e só a salvavam as profundas

crenças que bebera com o leite... Então recordava-se da mãe do Christo, dos supplicios dos martyres, dos episodios patheticos de toda a lenda christã e resignava-se um pouco.

Mas que destruição não lhe iam fazendo no seu minado organismo estas tempestades intimas — bom Deus!

Presentia que tambem não sobreviveria á filha e ás vezes — triste consolação — isso alegrava-a — dizia.

Quanto á Christininha que neste momento expirava, um trecho da sua vida era de uma ingenuidade tocante.

Um dia um rapaz começara a cortejal-a, ella a principio nem dera por elle, depois acabara por corresponder-lhe, mas desde que a doença subiu de gravidade não quiz mais escrever-lhe, e como já não se levantava, nunca mais o vira tambem.

Elle escrevia-lhe cartas despedaçantes, perguntava-lhe porque não apparecia já, porque não se dignava mesmo enviar-lhe duas simples linhas, que mal lhe havia feito, emfim?

Como não a julgava doente attribuia essa repentina mudança de relações a uma volubilidade de Christina, e na ultima vez que lhe escrevera fôra quasi brutal.

A pobre creança lia as cartas mas não queria revelar-lhe o estado de sua saude e ao mesmo tempo magoavam-n'a aquellas duvidas que eram para ella insultos.

A morte porém avisinhava-se já com uma certa rapidez e ella estremecia com a idéa de que Alfredo podesse ficar odiando-a, a ella que o amava tanto.

Chamou a mamã e contou-lhe tudo.

Esta, meio estonteada com aquellas revelações, mandara prevenir Alfredo immediatamente, e quando este veio contou-lhe tudo.

Alfredo quasi doido, e sentindo um violento remorso da ultima carta que lhe havia escripto, nem se animava a ir vel-a. Todavia esse era o seu ardente desejo; mas pensava não faria mal á sua Christininha essa alegria inesperada, não iria uma commoção assim demasiado violenta para ella, acabar de matal-a?

Em todo o caso, porém, deixal-a-hia elle um só minuto duvidar de seu amor, e sentiria em si proprio coragem para viver mais tempo sem o perdão para aquella malfadada carta tão injusta e tão secca que elle lhe escrevera num instante de colera? E fazia mil interrogações encontradas, acabando por dominal-o o sentimento. Foi, pois, falar-lhe.

Quando a vio não pôde esconder um movimento de terror, e Christininha que lh'o adivinhou, disse-lhe apenas:

— Achas-me bem mudada, não é verdade, Alfredo? mas já agora promettes amar-me mesmo assim, até que eu morra? — E começou a soluçar.

Alfredo queria dominar as lagrimas; achava uma vileza chorar defronte daquella martyr, que quasi se não queixava e a quem tudo podia comprometter os minutos de existencia que lhe restavam; comtudo a dôr era mais forte que elle, e pôde só responder-lhe:

— Mas, mais do que nunca, minha santa, minha adorada esposa; porque me dás licença que te chame minha esposa, não, Christininha?

— Oh! deu, Alfredo, assim eu podesse sel-o! E d'ahi quem sabe, talvez lá em cima... E um accesso de tosse não lhe deixou concluir a phrase.

Depois, quando pôde socegar, olhou de novo Alfredo e continuou:

— Como me fizeste bem em vir, parece até que não soffro tanto. Dize-me, quando eu morrer resarás por mim?

Alfredo não se sentia já senhor de si, no entanto conseguio ainda responder-lhe:

— Quem fala aqui em morrer, louquinha?

Christininha porém, quasi sem se importar com a phrase, fitou-o demoradamente, chegou para junto de si a mamã que a olhava com um ar parado e depois, muito baixo, com um accento resignado e suave, disse apenas:

— Eu. — E expirou.

No dia immediato a Camilla, uma creada velha qua vira nascer Christininha, respondia o seguinte ás pessoas que lhe perguntavam como aquillo fôra:

— Foi a minha boa menina, que era boa demais para nós e que morreu como um passarinho. Se ella era uma santa!

* * *

Mezes depois, Alfredo, que se vestia de luto pesado pela morte de sua promettida noiva, veio viver para casa daquella pobre mãi que em pouco tempo vira fugirem-lhe todos os que a amavam e que ella amava, e hoje é para ella um filho que lhe ajuda a levar a existencia que elle proprio mal supporta, passando para todos pelo viuvo da Christininha.

AFFONSO VARGAS.

Sobre a meza

Revista republicana. Publicação mensal, em S. Paulo. Director: — João Ribeiro Junior. Um importantissimo jornal de 12 paginas, nitidamente impresso em papel de primeira qualidade. Traz artigos de grande merecimento, assignados por J. Ribeiro Junior, Ernesto Corrêa, Dutra Nicacio e João Pinheiro, espiritos alevantados que se dedicam com o mais nobre esforço á causa da democracia, defendendo os principios, que adoptam, com todo o brilhantismo.

Na secção — *Matizes* — insere uma poesia de Wenceslau de Queiroz, uma poesia que é um primor.

Seguem-se outras secções de noticias, notas, etc. Um jornal que se distingue por muitos titulos.

Bem publico, de Casa Branca, n.º 15. Como jornal pequeno do interior, não é dos peiores que temos visto.

O Pitanguy, da cidade do mesmo nome. Um periodico hebdomadario bem interessante.

Musas risonhas

Um par de chromos... baratos

I

No fundo verde escuro da floresta
Mal se distingue as fórmas do arvoredo:
Tudo parece ter um tom de medo,
A' luz da lua fugitiva e mesta.

Junto ao cercado, palpitante e quedo,
Um duquesinho, que fugio da festa,
Conserva, a custo aberta, no silvedo,
Com as mãos ambas, pequenina fresta;

Do outro lado, a castellã formosa
Busca passar a carta perfumosa
Ao cavalheiro timido e novel;

Elle descuida a mão, sôlta um espinho
E ella, ao retirar o alvo bracinho,
Deixa uma gotta rubra no papel...

II

Elle, o membrudo e alto granadeiro,
De nedia vendedora mal captivo,
Vinha para dizer-lhe um mundo inteiro
De descripções do seu affecto vivo;

Mas o seu bem amado, que, matreiro,
Cerca as *entradas* com desdem altivo,
Deixa o robusto militar activo,
Sem um pretexto, em frente ao taboleiro;

Desapontado, então, sem mais sahida,
Pucha o coitado moedinhas louras,
E de hortaliças leva... uma partida!

Nota: — O pintor, vadio refinado,
Da mesma *laque rouge* das cenouras
Fez um *pudor* na cara do soldado.

Tres-Ilhas, 1885.

SILVA TAVARES

Pochades

Galeria conterranea

IV

(Dr. A. B.)

Medico. Intelligencia larga e cinzelada por estudo consciencioso.

Louro e moço. Nunca seria, porém, o *Moço Louro* de Macedo, porque não tem queda para o romantismo. E' um espirito forte, investigador, adiantado, — modernissimo.

Acompanha os progressos da sciencia de que é verdadeiro apostolo.

Foi mais dedicado, entretanto, á missão de Hypocrates,do que é actualmente.

As attracções de um viver que sonha *sub tegmine fagi*,querem roubal-o aos seus doentes, aos seus caros doentes, que o amam como um semideus.

Traja com esmero, *à la mode*.

Os ardores do sol, na fazenda, têmlhe roubado a alvura da cutis britanica. Uma tristeza!

Gosta de medicina, aprecia a botanica, em geral, adora a floricultura, em particular, mas nada estremece tanto como as parasitas.

Ah! as parasitas!

As parasitas para elle são como amas partes integrantes de sua vida.

Quando encontra uma, de primeira ordem, perfumosa ou rara, rejubila e não pode esconder os impetos do enthusiasmo expansivo e radiante.

Disseram-me que seria capaz de consagrar todo o tempo de sua clinica ás suas parasitas... se as atacasse uma epidemia,— o que o Deus do céo e a deusa das flores não hão de consentir.

Quando recebe por valioso mimo uma das suas *predilectas*, elle mesmo leva-a comsigo, acaricia-a, examina-a, cuidadoso, folha por folha, dispensalhe disvellos de mãi a filho estremecido, beija-a até, como já me affirmou uma leitora indiscreta..

O que se diz—um amador á ingleza.

Estou certo que não lhe custará fazer penoso sacrificio si contar com a recompensa de um novo *exemplar*.

Não falando nessa paixão, que, de resto, em nada prejudica os destinos da humanidade, tudo nelle são qualidades apreciaveis, —virtudes civicas, um caracter a prova de fogo.

Mantem variada prosa e dispõe de facil dicção, como é natural a quem possue vasta somma de conhecimentos.

Defende principios politicos que fazem muita honra á sua mentalidade esclarecida... mas, não faz uso delles.

Pelos modos, é quasi um sceptico em politica.

Em cirurgia mostra-se sempre habil, no que faz muito bem, e tem o soberbo costume de não perder muitos doentes, no que ainda faz melhor.

Se menos modesto fosse conversaria hoje, talvez, com a gloria, como um visinho estimavel.

No entanto, a gloria hade estar bem encavacada por vel-o não se lembrar della...

E preferir a fazenda, a fazenda... e as parasitas!

Raphael JUNIOR.

Secção das senhoras

O que a mulher perdoa e o que não perdoa

A mulher perdoa os esquecimentos, as ingratidões, o desamor e os crimes, mas não perdoa a infidelidade.Quer ser pisada, com tanto que seja preferida.

A' primeira desconfiança, a paixão irrompe e flammeja do coração d'ella com ardor indomito. Se não amara até alli, adora naquelle instante; e se a cabeça sómente estiver em fogo, começa a verter-lhe o sangue o coração.

Neste ponto não ha differenças; todas se parecem entre si.

Depois quando a crise acalma, quando a procella cala os seus rugidos leoninos, as humildes ficam amando mais, as altivas tentam esquecer, e logram-n'o quasi sempre.

Maria A. Vaz de CARVALHO.

O amor pelas flores

Há duas Glyceras na antiguidade. Uma que foi notavel e formosissima cortezã em Athenas, e musa inspiradora de Menandro, que a immortalisou em seus versos; e outra, que era ramalheteira ou florista, tambem na Grecia, em Sycione, pelos annos 400, antes de Christo, e cujo nome chegou até nós, porque foi amada de Pausias, celebre pintor grego, a quem Lucullo comprou por 20 contos de réis, ou cerca disto,um quadro que levou para Roma.

Pois Pausias, o grande pintor, morria pela ramalheteira Glycera: reproduzia-lhe as flores na pintura; a florista, para o incitar, variava os ramalhetes no dia seguinte; era o combate da naturesa e da arte, e o apaixonado artista, cada vez mais amoroso de Glycera, acabou por fazer o retracto da sua amante, vendendo flores e coroas, num quadro — *Stephaneplokos*, que chegou aos nossos dias.

Como se vê, já as flores tinham amadores em Sicione, cidade de Peloponeso, na antiguidade grega. Que fará hoje, que já mais de 22 seculos são corridos! Hoje já não ha aldeia em que as flores se não cultivem, e este cultivo é o entretenimento e o amor de muitas senhoras. Innocente amor.

Lambrequins

Um semsaborão, que tinha estado silencioso a ouvir uma discussão entre pessoas instruidas, interrompeu-as de repente, dizendo:

— Veio-me uma idéa.

— Olá!... exclamaram todos em côro.

Qual a differença entre a mulher e a cereja?

— A cereja madura torna-se corada, emquanto que a mulher madura... não cora mais.

— O senhor é casado ?

— Não, senhora.

— E pretende casar-se ?

— Não, senhora.

— Mas, se todos os homens pensassem como o senhor, o mundo acabava-se.

— Não, senhora.

—

Ha um encanto no fundo de todos os soffrimentos, como ha uma dor no fundo dos nossos prazeres. A natureza do homem — é a miseria.

Morte ao tempo

As decifrações de domingo passado são :

Logogripho—Ipecacuanha.

CHARADAS

Em Zig-Zag

Telegraphicas—Palhaço — Palmada Patacho—Papa—Callo.

Novissimas—Peteca—Armario—Vigario.

Em quadro

C O R A
O D E U
R E A L
A U L A

A sorpreza desta *vez* foi não ter premio a secção !

Todas as questões, entretanto, foram resolvidas pelo *Club das Perspicazes* e pelos srs. Francisco Honorio e Custodio Gaêde.

Para as questões de hoje reservamos um premio chic—*O methodo Calligraphico* de Regnier Aîné !

Agora, trabalhem :

LOGOGRIPHO

De Roma soldado sendo 9, 11 9, 8 9, 2, 11
Em Sofala ando pastando 7, 11, 7, 1, 6.
E quando não estou cantando 4,8,7,8,9;8,6
Me encontram sempre correndo 8, 99, 11, 5, 11.

. . . .

Procurem-me na igreja 3 5, 9, 5, 6.
Pode ser que eu lá esteja 8, 9, 8.

CONCEITO

Tenho tudo.... cousas boas
Assim como ruins tambem
Nunca fallo das pessoas
Mas digo o que todos têm.

—

CHARADAS

EM ZIG-ZAG

Ao quadrupede 4
adormece 2
o vegetal 4

—

O vegetal 4
é ave 2
e doce 4

—

TELEGRAPHICAS

Tamborete no mar 4
Chapéo de gentio 3
Viola doce 3
Lanterna telegraphica 3
Piano é ave 3

—

NOVISSIMAS

Na vasilha que se tem se come—2—1.

Todo o homem no mar é homem—1—2.

—

EM QUADRO

— — — — Sou mulher
— — — — Sou peixe
— — — — Sou vegetal
— — — — Sou sentimento.

—

FUGA DE CONSOANTES

(*Proverbio*)

O—e—u—o—o——e u—e—e——o.

Os trabalhos remettidos á esta secção, só serão publicados, quando trouxerem os respectivos premios.

Assim, sim.

TONG-KONG-SING.

Uma festa em familia

NÃO eramos treze á meza, felizmente. Eramos quatro, apenas. O José Braga, o Jorge, eu e o *Tong-Kong-Sing*.

O Braga estava muito macambuzio, porque era sexta feira e o cosinheiro dera-lhe um almoço de bifes — o que elle julgou uma grave offensa aos seus principios orthodoxos. O Jorge tambem não estava muito alegre e tem para isto serias razões de ordem muito sagrada, para que eu possa metter á bulha. O *Tong*... o *Tong* estava um *Kong* muito *Sing*. Isto em chinez vem a significar pouco mais ou menos que o assassino do tempo aos domingos estava com uma cara de réo condemnado a galés perpetuas e mais uns seis annos de quebra. Eu, que era de todos o mais risonho, tinha no rosto, neste rosto lindo e chibante que eu tenho, valha a verdade, embora com isto o Braga, que é solteiro, fique p'ra'hi todo amuado e diga que eu não tenho modestia, o que será uma calumnia horrivel, tinha no meu lindo rosto, repito, uma expressão tal de melancolia... O motivo é segredo, mas o caso é que eu estava triste. Não o conto aos meus 8,000 leitores, porque elles não têm necessidade nenhuma de saber que eu estou apaixonado por uma travessa morenita muito *ah* ! com uns olhos negros e grandes de jaboticaba extraordinariamente l'*lon*, e que as minhas homenagens a essa vestal, que não me quer deixar apagar o fogo, são tomadas em tanta consideração como as reclamações da imprensa pelo correio geral...

Não conto a causa das minhas fundas melancholias, mas estavamos todos sorumbaticos no escriptorio do *Domingo* (folha litteraria, muito bem escripta e muito bem impressa; assigna-se nesta typographia a 6$000 por anno).

Ninguem dizia palavra. O Braga fazia esforços inauditos para conseguir morder a ponta... do que um dia lhe ha-de vir a ser um esplendido bigode ; o *Tong* fumava, escrevendo no pó, que fazia na mesa as vezes de *tapis de table*, o nome de... Jesus ! O que é que eu ia fazendo ! Não ; o leitor não me apanha o nome que o felizardo chinez escrevia no pó, com o seu ar de po...eta.

O Jorge, que pouco fuma, estava na occasião *fumando* com gesto de Hamlet no *to be or no to be*...

Chega um typo bem apessoado á porta desta illustrada redacção.

— A redacção d'*O Domingo* ? (1)

— Prompto ! respondemos todos.

— Tenham a bondade de receber...

Regalamos os olhos... Eram seis garrafas de cerveja e uma carta. Oito mãos estenderam-se para as garrafas e nenhuma para a carta. Emfim, fomos a experiencia. Vieram copos. Isto é, vieram porque nós fomos buscal-os. Os garotos dos creados da redacção estavam todos... andavam todos passeiando, provavelmente.

— Pokt ! fez a primeira *bouteille*. E os copos encheram-se e esvasiaram-se magicamente.

Pokt ! estourou outra.

A cousa era magnifica, assim uma especie de nectar dos deuses, (inclusivé a minha deusa, que attende ás minhas homenagens, como o correio geral as reclamações da imprensa.)

No entanto, não proseguimos. *O Domingo* ainda precisava de originaes...

Mas, o que bebemos deu para avaliar a cerveja *Ernest Beer*, da fabrica que os srs. José Ernesto & Irmão abriram nesta cidade, ultimamente.

Em verdade vos digo, leitores, que a cerveja em questão não é boa, boa, positivamente, não é;—é optima, é gostosa, é soberba. Alegrou-nos a todos, o delicioso nectar.

O Braga deixou em paz aquelle que para o futuro etc. O *Tong* deixou em paz o pó, o Jorge esboçou um risosinho satisfeito e eu resolvi desde logo levar a *Ernest Beer* á altura de um principio e fazel-a conhecida pelos meus 8,000 leitores.

Hurrah ! pela *Ernest Beer*.

Hurrah !

DR. RÉCLAME.

(1) *Assigna-se n'esta typographia a 6$ por anno.*